

POLYTHEAMA

Sexta-feira -- 12 de Abril de 1912

A BELLISSIMA FITA DE NORDISK

AVENTURA DO TENENTE BREMER (OU O VINGADO)

Film com 1 200 metros de extensão, dividido em 3 partes, verdadeiro acontecimento da vida real; concepção e execução cinematographica da conceituada Companhia Nordisk-Film, de Copenhague. — Protagonista o celebre actor WPSLLANDER.

Descrição:

Em todos os paizes em que o sentimento nacional está identificado com a vida das classes armadas, é sempre motivo de jubilo para o povo a approximação da estação outonal, porque é nessa quadra que se movimentam os seus formidaveis exercitos, com destino ás longinquas estancias, onde formarão as facções mais guapas de sua ardorosa mocidade, no desempenho das manobras campaes, de cujos exercicios resulta a integração das classes garantidoras da autonomia politica das patrias. Cada vez que uma cohorte entusiasta se move aos campos, palpitantes os corações sob as fardas symbolicas, e chibantes os olhos dardejantes sobre a égide tremulante de uma bandeira, cada povo se rejubila, porque todo o povo crente de sua missão no vasto campo das conquistas libertarias, não encara num exercito um inutil agrupamento armado contra idéas ou aspirações de seus proprios concidadãos, mas uma vedêta inacessivel ás fadigas e aos sacrificios, que irá amanhã, independentemente de reclamos ou hymnos envaicedores, morrer abnegadamente sob a pata dos cavallos ou á ponta das baionetas do inimigo, levando na alma, por unico incentivo, o amor da patria, que a elles confiou a garantia de sua liberdade, e o respeito pelos compatriotas que o prestigiaram na sua bella missão social. E é porque nos paizes cuitos, uma sympathia risonha vincula povos e soldados, que, á estação das manobras, todos se confundem num convivio camarario, numa grata promiscuidade de fardas e casacas, arminhos de marechaes e tranças doiradas, scintilações de espadas e rebrihamentos faceiros de olhares femeninos. . Sobre todos, a bandeira da patria, ondulante ao vento como um lenço de mãe que se desfraldasse numa benção carinhosa áquella fraterna communhão!

POLYTHEAMA

E' que o dever ali os leva, e a honra nacional ali os irmana. Foi por uma destas manobras outonaes que o bello João de Bremer, elegante tenente do exercito Dinamarquez, conheceu Emma, a formosa e languida filha de Jansen, velho negociante do logar. A maravilhosa belleza da gentil castellã, como uma scintilla que fizesse, num subito contacto, explodir uma granada, incendiou no seio do garboso tenente aquelle coração que elle julgara blindado contra o amor, como o tinha na certeza de o estar contra as balas explosivas do mais arrojado inimigo. E' que, muita vez, a despeito da melhor vigilancia, uma fortaleza póde ser tomada de surpresa...

Por seu lado, Emma, estremecêra, ante o porte vanonil e elegancia marcial do jovem João de Bremer, brillante na sua farda agaloada e correcta, que espartilhava uma elegancia aristocrata, como deve ser a elegancia de todos os tenentes.

Não tardou, pois, que ambos se comprehendessem. O coração não tem theorias, nem o amor, jámais, que nos conste, admitiu ao coração o sentimento subversivo do chamado espirito de classe. E eis porque Emma, debil floirinha dos campos, amou João de Bremer, cuja carreira seria uma interminavel vertigem accidentada de cercos e batalhas, e elle, o ardoroso official, amou Emma, cuja alma desabrochára entre a ingenua meiguice de natureza sadia sob o grato remanso do lar carinhoso dos paes. E amaram-se com a vehemencia do primeiro amor... Assiduamente se encontravam os dois namorados, e assim estabeleceu-se entre ambos unra intimidade não isenta de perigos. O tempo passava e o bello tenente queria garantir ao seu domicilio de conquistador de victorias, aquelle coração de creança. A paixão póde fazer heróes, como póde fazer infelizes; póde exalçar um nome obscuro, como póde humilhar a mais sagrada candura. E Emma, depois da ultima entrevista, julgava-se deprimida em seu proprio couceito, porque já em seus olhos não se poderia mirar a imagem de seus paes, sem que tivessem de corar da fraqueza da filha tão amada!...

.....

A João de Bremer, tambem não faltava uma sombra a nublar toda a sua presumida felicidade: tinha uma letra a vencer, e, no dia de seu vencimento, quando lhe é apresentada, não lhe sobravam fundos com que honrasse a sua assignatura. Felizmente porem, frequenta a casa do velho pae de Emma, um antigo collega seu, que na actualidade servia de cura da aldeia proxima. Bremer recorre á sua bolsa, e o bom pastor salva-o do apuro financeiro.

Estreitam-se, assim, as antigas relações de camaradagem, que vinham ligando os velhos amigos.

E' chegado o termo das manobras. O alarido festivo dos quatro dias vae afundir-se na dolorosa saudade dos que ficam,

e, entre estes, o coração mais dolorido era de certo o de Emma, chorosa, sombra de mulher que surgia das ruínas contristadoras da donzella que se fôra. E' que a mulher, embora abroquelada no mais confiante dos amores, jamais acata no coração a mais forte das esperanças. Ha nesses caracteres fracos, desde a flebil quadra da meninice, uma qualidade ingenita de prophetisa. Emma chorava a partida do amante quasi com desespero, e trazendo na alma a duvida de uma prpxima reabilitação pelo casamento, não obstante os protestos do garboso tenente, que partia, empenhando a sua honra naquelle preito de amor. E não tardou que se consolidassem em realidade os seus temores na mais brutal das desillusões.

João de Bremer, respondendo á uma carta afflictiva da infeliz Emma, dizia-lhe, seccamente, sem que lhe doesse o impio coração:

"Arranja-te da melhor maneira com o filho que esperas."

Uma situação tal não é possível similar-se indefinitamente; e, por isso, em breve a desgraça de Emma é conhecida dos paes.

E o velho negociante, austero, de uma austeridade que não se compadece com a propria dôr que o alanceia, expulsa de casa a desditosa filha, como si a moral social lucrasse na garantia de suas instituições, sempre que se jôga á primeira viella uma mulher que se perdeu Emma, louca de dôr, procura no suicidio a paz do coração. Mas, a todos os infelizes a Providencia assiste, com a magnanimidade sublimadora da misericordia; e, porque isto é certo, deparou-se a Emma, no memento que commetteria o desatino, a placida figura do pastor de almas que salvára Bremer da deshonorra, e agora impedia um duplo crime. O cura, providencial, na eaangelica missão de seu apostolado, seguia de perto o destino de Emma, porque sabia-lhe a historia, como conhecia o character de seu antigo condiscipulo. E modesto e bom o caridoso cura offerece á Emma logar bastante seguro e conforto bastante que a animasse no momento doloroso e augusto da maternidade...

Mas a infeliz joven, a pobresinha que evolara já em soffrimento todas as suas forças, desprende-se da terra, ao primeiro vagido do primeiro filho, baixando o corpo ao tumulto discreto que a escondeu da vergonha de seu amor...

É o compassivo cura, numa abnegação edificante, assume a criação e, mais adiante, a direcção de George, o filho de Emma

Ao attingir George os 20 annos, o generoso cura envia-o á cidade, para que se completasse a sua educação; e, como entendia que melhor occasião se lhe nãe apresentaria para insinuar no bom animo do pae o filho sem nome, recommendou George ao seu antigo camarada João de Bremer, que ostentava agora as brilhantes dragonas de commandante em chefe dos batalhões dinamarquezes. Essa idéa do cura estava dentro dessa caridade que deve ser o apanagio dos verdadeiros apóstolos: a reabilitação dos culpados, e a redempção dos soffredores. Approximando pae e filho, o carinhoso pastor executava uma obra de dupla misericordia; proporcionava a João de Bremer o ensejo para expiar o seu crime, educan-

POLYTHEAMA

do e elevando socialmente seu filho na sociedade, e encaminhava George a uma existencia nova, que lhe traria certamente paz e glórias.

Mas, até que lhe chegasse um momento asádo, o pastor occultou a George, e ao tenente Bremer, a afinidade de parentesco que os ligava.

Quando George chega a Copenhague, João de Bremer já se casara com uma filha de elevada familia,—Ida, joven, nos seus 18 annos, aureolados por uma belleza impressionante. Do convívio que se estabeleceu entre George e Ida, não tardou que, tempos depois, ambos se comprehendessem melhor pelos affagos reciprocos do coração, do que pela rigorosa observancia das etiquetas. . .

Era a Fatalidade que collocava, entre o tenente Bremer, muito mais velho que Ida, e Ida, formosa e ardente, o impetuoso George, que, para maior vingança da memoria de sua mãe, era a primeira vez que se via ao contacto diario de um mulher bonita, e ignorava que áquella mulher se ligára a seu ingrato pae.

O commandante, ao descobrir as clandestinas relações do filho e esposa, procura vingar-se sem escandalo para seu nome, e de uma forma original: arrasta, insinúa George ao jogo, porque descobrira nelle essa inclinação.

E George vae-se despenhando na vertigem das emoções e dos lances arriscados, o que lhe vem acarretando a ruina de seus haveres, mesmo porque Bremer, para precipitar os seus designios, recommendara a Holmer, seu ajudante de ordens, que fizesse traças a todas partidas de George.

Quando George está esgotado, Holmer obriga-o a firmar o seu nome sobre uma letra vencivel a breve prazo. O incauto moço, porém, logo descobre a cilada e, num impeto de digna revolta, mata Holmer. Desvairado, conhecendo a fonte de sua ruína, o autor da traição por que passára, corre á casa de Bremer, para completar a sua obra de desaffronta. Mas, a coincidencia permittiu que, no dia em que se desenrolavam estes acontecimentos, chegasse á casa de Bremer o compassivo cura, que ali viéra, a chamado de Ida, que lhe escrevêra no intuito de fazer com que a presença do antigo educador de George o sustivesse á beira do abysmo a que elle se vinha precipitando por vingança de seu marido.

De modo que, quando George, ao chegar, percebe que ali está o seu carinhoso pae espiritual, o velho pastor de almas, envergonha-se tão profundamente que, num quarto proximo, estoura o craneo com uma bala!.. Ouve-se a detonação. Todos estremeecem; mas Bremer, o coração frio de sempre, é o unico que comprehende aquelle estampido, e sorri satanicamente, num prazer de vingança!

O cura, porém, ao conhecer a tragica verdade, exclama, num auge afflictivo de piedade e de magua:—*E' teu filho, Bremer!*

E o ardoroso tenente de então, o esposo infeliz de hoje, o pae apaixonado de agora, sente que o sorriso se lhe gela nos labios, como uma excommunhão do céu.